



# MODESTO, PORÉM BRILHANTE

O cinema uruguaio apresenta sua produção a conta-gotas, mas filmes como *Whisky*, *O Banheiro do Papa* e *Gigante* são ovacionados por público e crítica

Por Fábio Fujita

Em julho de 2006, a comunidade cinematográfica mundial foi surpreendida com o anúncio de uma baixa difícil de ser assimilada. Principalmente por se tratar de uma vítima jovem, então com apenas 32 anos de idade, e pela forma com que a morte se deu: suicídio. Tratava-se de Juan Pablo Rebella, um talentoso cineasta uruguaio que, ao lado do compatriota Pablo Stoll, assinara, dois anos antes, a direção de um dos mais tocantes filmes da produção latina contemporânea: *Whisky*, premiado em diversos festivais, como os de Cannes, Gramado, Havana e Huelva. Era um indicativo de que a já incipiente produção cinematográfica local ficaria ainda mais comprometida. Até então, contavam-se nos dedos – de apenas uma mão – os filmes uruguaios que conseguiam alcançar as plateias internacionais. Mas, desde então, pelo menos outros três longas saídos do país de Mario Benedetti têm sido aclamados mundo afora – o último deles, *Gigante*, de Adrián Biniez, foi lançado há pouco no Brasil. É brilhante, diga-se.

## **Whisky: silêncios e olhares**

Quatro filmes importantes nos últimos seis anos? Parece pouco, e é, principalmente se comparado, por exemplo, com a Argentina, que chega a produzir uma média de 80 longas por ano. Mas é preciso situar as condições que cercam o cinema feito no Uruguai, país com pouco mais de 3 milhões de habitantes – praticamente a população de Buenos Aires. Se é verdade que o país cisplatino nunca viveu uma fase regular na realização cinematográfica, chegou a apresentar nos anos 60 uma efervescente produção curta-metragista. Segundo o acadêmico Marcelo La Carretta, em sua tese de mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais, a crise da Cinemateca Uruguaia – polo fomentador do cinema local, o equivalente no Brasil ao que seria uma mistura de Ancine com Petrobras – resultou numa quase falência do cinema nacional nos anos 90. Produziam-se, em média, dois filmes por ano. *Whisky* (junto de outros filmes menos festejados) simbolizou a retomada da produção uruguaia, algo

próximo do que ocorrera anos antes no Brasil com *Carlota Joaquina*. Com a recuperação da Cinemateca Uruguaia no início dos anos 2000, hoje a média já chega a dez filmes por ano.

O culto a *Whisky* não é gratuito. Focado em apenas três personagens, o filme esquiva-se da facilidade do que seria um “teatro filmado”, solução típica em roteiros do tipo. Mais do que basearem-se em diálogos, os personagens contam a história abusando das elipses – os silêncios e olhares denotando melhor as angústias que não expressam verbalmente. A trama centra-se em Jacobo, um ensimesmado senhor de meia-idade, proprietário de uma decadente fábrica de meias no Uruguai. Sua rotina é um marasmo, sua sociabilidade, zero – simbolizado pela negação que faz ao pedido de uma funcionária de “ligar o rádio” para, afinal, animar o tedioso ambiente de trabalho. É nesse abismo interior de Jacobo a marca do excepcional trabalho de direção de atores conduzido pela dupla Rebella e Stoll.

Personagens solitários e silenciosos em *Whisky* (primeiras três fotos), primeira produção uruguaia de sucesso internacional; em *Gigante*, um guarda noturno de supermercado se apaixona por uma mulher ao vê-la pela câmera de segurança

Jacobo parece incomodado por existir, mas passa a impressão de que seria capaz de viver seus longos dias até o fim da vida esquizofrenicamente acomodado nessa solidão abissal. Mas uma notícia súbita o toma de assalto: o irmão Hermán, com quem não tem contato há anos, anuncia-lhe uma visita. Por Jacobo, o reencontro jamais aconteceria. Hermán chega para a celebração judaica da colocação da pedra no túmulo da mãe, a cujo enterro não compareceu, o que fez, deteriorar a relação com o irmão. Hermán também tem uma fábrica de meias, mas no Brasil, onde prosperou, e o fato de ser mais bem-sucedido que Jacobo acirra o velado (mas nem tanto) sentimento competitivo entre eles. Para não parecer que é um fracassado total, Jacobo convence sua funcionária, Marta, a se passar por esposa dele, durante a visita de Hermán – naturalmente proposto como um “bico” para ela, um trabalhinho extra, já que Jacobo seria incapaz de depender de um favor. Mas Jacobo é um bronco, um não-iniciado no afeto, e Hermán parece desconfiar da relação do irmão com Marta. Hermán, por sua vez, tem uma personalidade diametralmente oposta à de Jacobo: é expansivo, carismático. Aos poucos, dá demonstrações sutis de interesse por Marta – e a recíproca também parece verdadeira. O desfecho da história caminhará, pois, na solução desse delicado triângulo amoroso – embora amor não haja no vértice principal.

## **Vida de bicos e subempregos**

Em 2007 foi a vez de uma história uruguaia de inspiração sebastianista

emocionar as plateias que tiveram a chance de vê-la. *O Banheiro do Papa*, co-dirigido por Enrique Fernández e César Charlone (diretor de fotografia indicado ao Oscar por *Cidade de Deus*), é um tratado sobre a fé, na história de uma pobre população que enxerga, no anúncio de uma visita do papa João Paulo II ao local, a oportunidade única para fazer dinheiro. A trama se passa na cidade de Melo, fronteira com o Rio Grande do Sul brasileiro, onde a maioria das pessoas vive de bicos e subempregos. No caso de Beto, o personagem central, seu negócio é “traficar” muambas (basicamente, alimentos não-perecíveis) do Brasil, em

## **O filme é um tratado sobre a fé, na história da pobre população que enxerga, no anúncio de uma visita do papa, a oportunidade única de fazer dinheiro**

cima de uma bicicleta. Para isso, dribla a vigilância da fronteira por caminhos alternativos. Mas uma contusão no joelho compromete sua disposição para pedalar.

Assim, a solução, ainda que temporária, passa a ser embarcar na histeria coletiva em torno da santa visita. Há quem acredite que a cidade será tomada pela vinda de 2 mil fiéis brasileiros; outros, mais delirantes, apostam que o número de peregrinos chegue a 2 milhões. Cada um se movimenta como pode. Uns montam barracas para vender comida, outros investem no comércio de santinhos produzidos no Brasil a serem vendidos para turistas... brasileiros. A opção de Beto tem lá sua coerência: construir um banheiro no quintal de sua casa para, naturalmente, cobrar pelo uso. Afinal,

se tantos sanduíches de linguiça forem consumidos como se espera, o serviço de Beto certamente será demandado. Ao radiografar essa parcela significativa da sociedade uruguaia – uma classe média baixa, no limite da pobreza – *O Banheiro do Papa* parece beber nas influências do neorealismo italiano. Tanto pela estética próxima do documentário, como pela veracidade da história contada na tela: como não acreditar que tudo aquilo que vemos aconteceu de fato?

## **Divertidos e comoventes**

É com um enredo que se aproxima justamente de um clássico do neorealismo – *A Estrada da Vida*, de Federico Fellini – a proposta de outro ótimo filme uruguaio: *Mau Dia para Pescar*, de Álvaro Brechner. Este, no entanto, não chegou ao circuito brasileiro,

tendo sido exibido somente na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, edição 2009, onde foi um dos finalistas ao prêmio principal – por meio de votação do público. Tal como o brutamontes interpretado por Anthony Quinn no filme de Fellini, o outrora campeão do concurso *The World's Strongest Man*, Jouko Ahola, que é finlandês, interpreta o alemão oriental Jacob von Oppen. Ele é um lutador de *telecatch* (luta livre) dos anos 60, que está com a carreira suspensa. Para sobreviver, resolve fazer uma turnê pelos trópicos, exibindo o poderio de seus bíceps e músculos, sob as ordens do empresário Orsini.

O agenciador é uma raposa e, acreditando oportunizar a inocência de um pequeno povoado argentino facilmente



O divertido *Mau Dia Para Pescar* (acima) mostra um alemão oriental que faz exibições de luta livre pela América

impressionável, divulga que pagará mil dólares àquele que subir ao ringue e resistir por três minutos diante de Jacob. O montante anunciado é um blefe: Orsini, evidentemente, não o tem. Pior: o lutador já não é mais o mesmo. Padece de problemas de saúde que o tornam vulnerável como nunca fora antes. Mas disso o povo não precisa saber, e Orsini “compra” alguns desafiantes, de modo que estes sucumbam a Jacob antes dos 180 segundos. No entanto, uma mulher

ambiciosa, Adriana, quer o prêmio e, dando-se conta de que o empresário é um vigarista, coloca o próprio namorado – um quitandeiro local conhecido pela delicada alcunha de “Turco Matador” – para acabar com a raça de Jacob.

Divertido e comovente, este *Mau Dia para Pescar*, assim como *Gigante*, de Adrian Biniez. Mas se o primeiro é uma comédia “de entretenimento”, mais alinhada à vertente “comercial” do cinema argentino (como em *Nove Rainhas*), *Gigante* é dessas pérolas mais autorais, menos grandiloquentes. O título refere-se ao protagonista, Fabián Jara, um homenzarrão de quase 2 metros de altura e 125 quilos, que trabalha como

vigia noturno de um supermercado. A ironia é que a grandeza física de Jara esconde, no fundo, um pós-adolescente, aficionado por *heavy metal* e videogame, que se sente muito mais à vontade na companhia do irmão pequeno, com quem brinca de luta de espadas, do que dos distanciados colegas de trabalho.

Certa noite, durante o expediente, Jara nota pela câmera de vigilância uma das faxineiras, Julia, que derruba, sem


## O filme é um tratado sobre a fé, na história da pobre população que enxerga, no anúncio de uma visita do papa, a oportunidade única de fazer dinheiro

querer, uma pirâmide de rolos de papel higiênico. Fica obcecado pela moça, e passa a acompanhar seus movimentos pela câmera. Não se trata, no entanto, de uma espiação voyeurística no sentido *Big Brother*: Jara está aprendendo sobre esse sentimento que lhe é novo, a paixão, e a câmera é apenas o intermediário para observar seu objeto do desejo. Tanto que, fora do supermercado, ele persegue Julia a distância, de modo a saber um pouco sobre o modo de vida dela: o que faz, o que deixa de

fazer, com quem anda, o que a faz feliz. A insinuação de um amor platônico é real, mas o diretor Biniez – argentino radicado no Uruguai – surpreende com um pessoalíssimo desfecho “em aberto”, digamos assim.

Estes três filmes, *O Banheiro do Papa*, *Mau Dia para Pescar* e *Gigante* (este com três prêmios obtidos no Festival de Berlim) poderiam muito bem levar a assinatura de Juan Pablo

Rebella nos créditos de direção. Como *Whisky*, que ele codirigiu com Stoll, são trabalhos muito competentes e que, de alguma maneira, dão unidade à ideia de um “cinema uruguaio”. A morte

de Rebella é uma perda até hoje sentida. Representa, afinal, um a menos entre os bravos que tentam fazer, no peito, a sétima arte acontecer numa terra de típicas adversidades terceiro-mundistas, com o agravante de não ter sequer a mesma visibilidade no terreno geopolítico mundial como contam os vizinhos Brasil e Argentina – condição importante na captação de potenciais investidores. Fazer cinema no Uruguai é, portanto, fazer história – e como eles têm feito bem. 

No festejado *O Banheiro do Papa*, a histeria coletiva de uma pobre comunidade frente à iminência da santa visita

